

De Belém do Pará ao Rio de Janeiro: trajetórias de militantes operários por meio dos jornais digitalizados (1910-1930)

Marcos Lucas Abreu Braga

Rede Pública de Educação do Amazonas (SEDUC-AM), Manaus, AM, Brasil.

marcoslucasab@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4054-127X>

From Belém do Pará to Rio de Janeiro: the Trajectories of Militant Workers Through Digitised Newspapers (1910-1930)

Resumo: O presente artigo pretende fazer algumas apresentações das trajetórias de alguns militantes operários que atuaram pelo Brasil ao longo das décadas de 1910 e 1920. Nessa empreitada, as fontes da imprensa, tanto dos jornais comerciais diários quanto – e principalmente – dos jornais operários, foram de fundamental importância, o que fez com que outro objetivo subjacente deste texto fosse o de discutir o uso de cópias digitalizadas dos jornais disponibilizadas em acervos online como fontes históricas para a reconstituição da trajetória destes sujeitos.

Palavras-chave: Movimento operário; Trajetórias individuais; Imprensa operária.

Abstract: This article intends to make some presentations of the trajectories of some worker activists who worked in Brazil throughout the 1910s and 1920s. In this endeavor, press sources, both from daily commercial newspapers and – and mainly – of the workers' newspapers, were of fundamental

importance, which meant that another underlying objective of this text was to discuss the use of digitalized copies of the newspapers made available in online collections as historical sources for reconstituting the trajectory of these subjects.

Keywords: Labor movement; Individual trajectories; Workers press.

Os militantes e ativistas do movimento operário possuem uma excepcionalidade em relação aos trabalhadores ditos “comuns”. Enquanto os últimos deixaram relativamente poucos registros escritos, em geral apenas os “anais dos pobres” (registros de nascimento, casamento, óbito e demais trâmites burocráticos) ou uma ou outra referência nos jornais, em datas comemorativas ou em eventos excepcionais, como prisões, os primeiros deixaram seus pensamentos e opiniões escritos em textos publicados nos jornais operários, seus nomes constam nas listas das diretorias e secretariados dos sindicatos e associações beneficentes, e os jornais diários registraram seus discursos em *meetings* e manifestações de 1º de maio, às vezes transcrevendo alguns excertos ou mesmo integralmente. Parte das suas ações pode ter sido registrada pela polícia, na medida em que ele tenha chamado a atenção dos órgãos repressivos do Estado. É possível até mesmo encontrar uma ou outra carta ou produção literária, como poesias, no mais das vezes também publicizadas através da imprensa operária.

Apesar de terem deixado mais registros que os trabalhadores “comuns” (isto é, não envolvidos nos movimentos sociais), são bem menos do que os ditos “grandes homens” pertencentes às elites econômicas, políticas e/ou intelectuais, que tiveram grande parte de suas vidas registradas em documentos variados, que possuem mais chances de terem sido preservados. Por isso, é difícil fazer biografias detalhadas desses militantes, sendo mais propício fazer análises de trajetórias, mais modestas que as primeiras, já que por vezes as referências acerca deles possuem alguns anos de espaçamento¹.

A intensa mobilidade geográfica destes sujeitos é outro entrave para a reconstituição de suas trajetórias, já que é necessário se embrenhar na documentação de várias cidades, estados ou até mesmo países diferentes em busca dos seus rastros, além de ler as bibliografias de vários recortes geográficos distintos em busca de pistas sobre eles. Quase sempre, a reconstituição das suas trajetórias é uma tarefa para uma coletividade diacrônica, com vários historiadores agregando informações específicas garimpadas na documentação em seus respectivos trabalhos e recortes específicos.

¹ As análises de trajetória são menos detalhadas e aprofundadas do que as biografias. Além disso, conforme proposto por Alexandre Karsburg, enquanto as últimas acompanham um indivíduo “do nascimento a morte”, as primeiras podem centrar a análise em um período determinado. Alexandre Karsburg. “A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias”. In: Maíra Inês Vendrame *et al* (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015.

Apesar das dificuldades assinaladas, a reconstituição da trajetória desses militantes se revela interessante para a construção do conhecimento sobre o movimento operário, partindo de uma abordagem micro-histórica, na qual a análise de trajetórias individuais permite o vislumbre e uma compreensão mais aprofundada de fenômenos mais amplos². Ao lançar a atenção à vida errática destes militantes, é possível conhecer um pouco mais aspectos relevantes do movimento operário da Primeira República, como as redes de contato, de solidariedade e de troca de correspondências entre diversos núcleos militantes espalhados nos principais centros urbanos do país naquele momento.

O presente artigo pretende fazer algumas apresentações – bem sumárias, devido às limitações do espaço – das trajetórias de alguns militantes operários que atuaram pelo Brasil ao longo das décadas de 1910 e 1920. O que todos possuem em comum, além da condição de trabalhadores e engajados nos movimentos políticos e sociais da classe naquela época, foi a estadia por algum período em Belém do Pará, onde encontramos o rastro deles e a partir de onde buscamos outras pistas. Nessa empreitada, as fontes da imprensa, tanto dos jornais comerciais diários quanto – e principalmente – dos jornais operários, foram de fundamental importância, o que fez com que outro objetivo subjacente deste texto fosse o de discutir o uso de cópias digitalizadas dos periódicos disponibilizadas em acervos online como fontes históricas para a reconstituição da trajetória destes sujeitos.

Entre idas, vindas e voltas

Belém do Pará vivenciou, ao longo da década de 1910, uma onda de agitação operária até então não vista na cidade, acompanhando o momento de crise pelo qual passava após a queda do preço da borracha. Com a fundação da *União Geral dos Trabalhadores* (UGT) em 1914, se iniciou uma onda de greves entre os anos de 1914 e 1915.

A agitação foi respondida com a repressão e diversos trabalhadores foram presos. Alguns de origem estrangeira foram expulsos do país, como Antônio da Costa Carvalho (quitandeiro, português) Antonino Domingues (sapateiro, espanhol), Manoel Pereira Bastos, Manoel Martins e Gentil da Cunha Santos – com profissões e nacionalidades não identificadas – deportados em 1914 devido suas participações nas greves de diversas categorias profissionais (sapateiros, carroceiros, quitandeiros, trabalhadores da construção civil) engendradas nos primeiros meses daquele ano, além dos choferes portugueses Júlio Durval e Eduardo Guerra, do alfaiate espanhol Adolfo Alonso e do horteleiro espanhol José Rocha, expulsos em abril de 1915 no bojo da repressão a greve dos carroceiros

² Henrique Espada Lima. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

que se verificava naquele momento³. A expulsão não cortou os laços desses militantes com o Brasil e alguns deles retornaram ao país pouco tempo depois.

Um deles foi Gentil da Cunha Santos, que retornou a Belém e continuou sua atuação política. Ele já se encontrava na cidade no início de 1917, quando endereçou de lá uma carta destinada à redação do jornal paulistano *Guerra Sociale*, onde é apresentado como responsável pela correspondência do grupo de afinidade anarquista belemense *Os Perseguidos*⁴.

No contexto da greve dos motorneiros e condutores da *Pará Eletric*, em 1918, o *Estado do Pará*, um dos diários de maior circulação da cidade, se referiu à Gentil da Cunha nos seguintes termos:

Os motorneiros e conductores que se recusaram ao trabalho foram a isso levados pelas insinuações de Gentil da Cunha, secretário da União Geral dos Trabalhadores. Este indivíduo, que é dotado de espírito de verdadeiro anarquista, tem sido em nossa capital a cabeça de várias greves, como ainda ultimamente, em que desempenhou papel saliente, na dos operários da *Port of Pará*, em Val-de-Cães. Gentil da Cunha, que é por demais conhecido entre o proletariado, foi o companheiro dos célebres grevistas há tempos deportados de Belém, Antônio Mota de Carvalho [sic] e Alonso Guerra [sic], dois elementos perturbadores que foram da ordem pública. Seria bom se as autoridades voltassem suas vistas para Gentil da Cunha, que constitui uma série ameaça à tranquilidade da população⁵.

Não foram encontrados outros rastros de Cunha Santos nos anos seguintes.

Outro dos deportados de 1915 a retornar foi Adolpho Alonso⁶ (Imagem 1). Nascido na região de Ourense, na Espanha, chegou ao Brasil em 1905 quando contava apenas seis anos de idade⁷. Não foi possível identificar onde se estabeleceu inicialmente, mas já se encontrava em Belém exercendo o ofício de alfaiate em 1914, sendo expulso em 1915. Apesar da expulsão, Alonso voltaria ao Brasil, dessa vez se estabelecendo na cidade do Rio de Janeiro. Ele já se encontrava no país em setembro de 1916, quando subscreveu, junto a outros quinze militantes, o manifesto escrito pelos anarquistas José Elias da Silva,

³ Edilza Joana Oliveira Fontes. "Preferem-se português (as)": trabalho, cultura e movimento social em Belém do Para (1885-1914). Tese de doutorado em História: Universidade Estadual de Campinas, 2002, pp. 246-280.

⁴ "Bolletino dell'Alleanza Anarchica". *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 38, 27 jan. 1917, p. 1.

⁵ "A Greve de Motorneiros e Condutores da Pará Eletric". *Estado do Pará*, Belém, n. 2.708, 11 out. 1918, p. 1.

⁶ Seu nome também foi grafado como "Adolfo".

⁷ Lená Medeiros de Menezes. "Os processos de expulsão como fontes para a História da Imigração Portuguesa no Rio de Janeiro (1907-1930)". In: Ismênia de Lima Martins; Fernando Sousa (ed.). *Portugueses no Brasil: Migrantes em dois atos*. Niterói: Muiraquitã, 2006.

Manuel Campos e Antônio Moutinho acerca da relação do anarquismo com os sindicatos.⁸

Dois anos depois, ele foi preso na cidade de Barra Mansa, interior do estado do Rio de Janeiro, acusado de distribuir, ao lado do também espanhol José Cid e do português Álvaro Duarte Cerdeira, um boletim subversivo. Apontado como “o chefe do movimento na cidade”, na casa do alfaiate foram encontrados “vários exemplares dos jornais ‘Spartacus’ e ‘A Plebe’ e outros folhetos revolucionários”⁹.



Imagem 1: Adolpho Alonso

Fonte: “A expulsão de anarquistas”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. nº 7550, 31 out. 1919, p. 5.

A possibilidade de ser outro indivíduo com nome homônimo foi descartada, já que notícias da época informaram que o pai de Adolpho, Mário Alonso, também foi ouvido pela polícia, “tendo declarado às autoridades que seu filho foi expulso do Pará em 1915, por motivo de suas práticas anarquistas”¹⁰. Esta evidência é reveladora de outro aspecto para a escolha dos locais de migração: a existência de redes de parentesco ou de solidariedade nos possíveis destinos; para Alonso, pode ter pesado para a escolha de se dirigir ao Rio de Janeiro, e não retornar a Belém, o fato de que seu pai já estava estabelecido naquela cidade.

O caso teve ampla repercussão em jornais do Rio, de São Paulo e de Pernambuco, o que permitiu acompanhar a trajetória até a expulsão. Os anarquistas de Barra Mansa foram transferidos para a capital carioca, onde,

⁸ “O perigo anarquista no Brasil”. *A Lanterna*, Rio de Janeiro, n. 390, 25 mar. 1918, p. 2.

⁹ “Prisão de anarquistas em Barra Mansa”. *A Razão*, Rio de Janeiro, n. 1037, 26 out. 1919, p. 5.

¹⁰ “A repressão aos anarquistas em Barra Mansa”. *A Razão*, Rio de Janeiro, n. 1038, 27 out. 1919, p. 5.

junto a outros detidos na vaga de repressão aos revolucionários no segundo semestre de 1919, foram embarcados no vapor *Benevente* rumo à Europa.

O *Jornal Pequeno*, de Recife, também noticiou a expulsão dos trabalhadores, informando que dentre os espanhóis estava “Adolpho Alonso Otero, 20 anos, sapateiro”. Apesar da incongruência na indicação de sua profissão, se trata da mesma pessoa. O jornal lhe conferiu um certo destaque, o descrevendo como “servido de bastante cultura, apesar de seus 20 anos apenas. Alto, sympathico, risonho, pelle alva, basta cabellera negra voltada para traz, elle é insinuante e discute com facilidade, attrahindo de logo”¹¹.

Os dados indicam que ele contava algo em torno de 16 anos quando foi expulso de Belém. Aparentemente, Alonso não retornou ao Brasil depois de sua segunda expulsão, ou se retornou não se envolveu mais de forma tão intensa com o movimento operário, já que perdemos o seu rastro.

O sapateiro Antonino Domingues¹² (imagem 2) foi outro militante cuja trajetória foi marcada pela mobilidade geográfica. De origem espanhola, nascido na região de Ourense, não se sabe ao certo quando chegou ao Brasil, mas já se encontrava em Belém em 1912, quando fez parte do *Centro Sindicalista das Classes Trabalhadoras*, grupo de propaganda para a fundação de sociedades operárias de resistência em Belém¹³, e do *Centro Humanitário Amor, Ciência e Liberdade* (CHACL), sociedade anticlerical que criou uma escola e uma biblioteca destinados aos trabalhadores e aos seus filhos¹⁴. No final do ano seguinte, foi representante da *União dos Operários Sapateiros* na fundação da *Federação Operária de Belém* (FOB)¹⁵. Já no início de 1914, foi o delegado de sua categoria na fundação da *União Geral dos Trabalhadores* (UGT)¹⁶. Essa intensa atuação só foi interrompida com a sua expulsão, em maio de 1914.

A deportação de Domingues não cortou seus laços com o Brasil e ele já se encontrava no país pelo menos desde abril de 1918, desta vez na cidade do Rio de Janeiro, onde presidiu uma assembleia da *União Geral dos Trabalhadores em Calçados*¹⁷. Ao longo de toda a década seguinte, Domingues manteve uma intensa militância, entre as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Guaratinguetá (interior de São Paulo) sempre próximo às associações de sua categoria, o que lhe rendeu pelo menos seis prisões entre 1921 a 1924 além de novas ameaças de expulsão¹⁸.

¹¹ “O ‘Benevente’ chegou ontem a tarde em Recife”. *Jornal Pequeno*, Recife, n. 254, 6 nov. 1919, p. 3.

¹² Por vezes seu nome foi grafado como “Antônio” e seu sobrenome como “Domingues” ou ainda “Domingos”.

¹³ “Vida Operária”. *A Lanterna*, São Paulo, n. 156, 14 set. 1912, p. 4.

¹⁴ “Núcleos de vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo, n. 169, 14 dez. 1912, p. 4.

¹⁵ “Vida Operária”. *Estado do Pará*, Belém, n. 863, 22 ago. 1913, p. 2.

¹⁶ A ata de fundação da UGT foi integralmente reproduzida em: “No Estado do Pará. Onze de Janeiro, Belém. Edição única, 11 jan. 1918, p. 1-2.

¹⁷ “Movimento operário a noite”. *A Razão*, Rio de Janeiro, n. 471, 4 abr. 1918, p. 5.

¹⁸ Demetrio Quiros Bello Júnior aborda partes da trajetória de Domingues em São Paulo a partir da documentação do DEOPS, embora informe, com base na mesma documentação, que ele havia aderido ao PCB em 1953, uma incongruência já que Domingues faleceu em 1928. O equívoco se deveu, provavelmente, a confusão na grafia de seu nome e a



Imagem 2: Antonino Domingues

Fonte: "Sangrento conflito numa reunião operária". *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 2825, 16 fev. 1928, p. 16.

Ainda no estado do Pará, Domingues provavelmente conheceu Euzébio Manjon Hidalgo¹⁹, alfaiate de origem espanhola e militante operário residente em Belém àquela altura. Não foi identificado quando Manjon aportou em Belém, mas já se encontrava naquela cidade em 1914, de onde enviou um relato aos redatores do *A Lanterna* sobre a prisão de três militantes quando realizavam um comício, dentre os quais o já mencionado Adolfo Alonso²⁰.

Possivelmente, foi o mesmo José Manjon que meses depois enviou um texto de caráter anticlerical aos redatores do mesmo periódico. Não foi encontrado nenhum "José Manjon" em quaisquer fontes provenientes de Belém, nem na bibliografia referente a imigração espanhola ou ao movimento operário no Pará, e parece mais do que mera coincidência o mesmo sobrenome e a mesma proveniência das cartas; ao que parece, trata-se do mesmo indivíduo, embora não se saiba por que adotou o pré-nome "José". No referido escrito, comentando o fluxo de clérigos que ultimamente haviam aportado em Belém, o autor relatou: "Vivo nesta terra há já 11 anos e nunca, como agora, vi matilhas de padres e de todas as cores e feitios pertencentes a todas as seitas e

existência de um sapateiro homônimo, chamado "Antônio Domingos". Demetrio Quiros Bello Júnior. "Sapateiros militantes em São Paulo na década de 1920: lutas, debates, caminhos". *Escrita da História*, 8 (2017), pp. 60-87.

¹⁹ Por vezes grafado como "Eusébio".

²⁰ "Do Pará: novas violências policiais contra os trabalhadores". *A Lanterna*, São Paulo, n. 266, 24 out. 1914, p. 3.

irmandades”²¹, indicando que ele havia chegado em Belém ainda no raiar no novo século.

Tendo em vista seu manifesto anticlericalismo, provavelmente Manjon entrou em contato com o CHACL, junto a Domingues. Considerando a dimensão relativamente reduzida do universo de militantes em Belém, é possível que Manjon e Domingues se conhecessem ou mesmo mantivessem uma relação próxima (de amizade ou de companheirismo na militância), tendo em vista que ambos eram imigrantes espanhóis e militantes anarquistas, o que poderia facilitar a afinidade. Suas trajetórias se cruzariam novamente alguns anos depois e a milhares de quilômetros de distância, de maneira menos amistosa.

Manjon fez o mesmo que outros militantes e, fosse para escapar de perseguições ou em busca de melhores condições econômicas, também migrou para o Rio de Janeiro. Na capital federal, se ligou ao ativismo político e já em 1916 assinou, junto a Adolfo Alonso, o já citado manifesto sobre o anarquismo e o sindicalismo. A transferência de localidade não cortou os contatos de Manjon com os seus antigos companheiros paraenses, e, provavelmente, ele foi o autor dos textos publicados na imprensa operária paraense sob assinatura de “Manjon”²², talvez cartas enviadas da capital federal.

No Rio, Manjon esteve em um contexto diferente do paraense, entrando em contato com experiências diversas, como foi o caso da difusão do socialismo de caráter leninista inspirado na experiência histórica da nascente União Soviética. Nesse interim, acabou aderindo ao marxismo e se tornando um militante do *Partido Comunista do Brasil* (PCB). Como destacado por Edilene Toledo, a mobilidade dos militantes não era apenas geográfica, mas também ideológica²³. Provavelmente, Manjon e Domingues se encontraram muitas vezes ao longo da década de 1920, como adversários no interior do movimento operário, na época tragado pelos conflitos entre anarquistas, comunistas e “amarelos” na disputa por sua hegemonia.

Os destinos do sapateiro e do alfaiate espanhóis se encontraram novamente e pela última vez no início de 1928, na assembleia da *União dos Trabalhadores Gráficos* do Rio de Janeiro (UTG) que acabou degenerando em um tiroteio que culminou com o falecimento de dois trabalhadores, sendo um deles Domingues²⁴. As versões sobre o que aconteceu naquela noite são muito conflitantes: os comunistas acusaram os “anarchoides” (dentre os quais o próprio Domingues) e infiltrados da polícia pela confusão, ao passo que os anarquistas responsabilizaram os “bolchevistas”. Dois militantes comunistas

²¹ José Manjon. “O Pará avassalado pela clericalinha”. *A Lanterna*, São Paulo, n. 281, 10 jul. 1915, p. 2-3.

²² José Manjon. “A onda vermelha aproxima-se”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, n. 17, 21 ago. 1920, p. 2-3; José Manjon. “O regime das receções”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, n. 21, 25 set. 1920, p. 4.

²³ Edilene Toledo. *Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2004.

²⁴ John W. Foster Dulles. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977, pp. 284-285.

foram presos e acusados como responsáveis pelo conflito, Pedro Bastos e Eusébio Manjon, este último sendo ameaçado de expulsão do país.

A imprensa diária – sobretudo, mas não exclusivamente, a carioca – deu uma ampla cobertura ao evento e aos seus desdobramentos, informando que Domingues tinha àquela altura 35 ou 36 anos (a depender do jornal), era casado e residia na rua do Livramento.²⁵ Já Manjon era casado com uma senhora de nacionalidade espanhola e possuía duas filhas nascidas no Brasil.²⁶

O episódio envolvendo Antonino Domingues e Eusébio Manjon é significativo para pensar o entrecruzamento das trajetórias desses sujeitos, que se separavam e se uniam novamente em contextos diferentes no tempo e no espaço, ora como aliados ora como adversários.

Contextos específicos podem condicionar a saída de determinado local, como no caso de Belém a perseguição aos trabalhadores do ramo de construção civil após as greves de abril e maio de 1919. Os operários deste ramo foram um dos segmentos mais atuantes na conjuntura entre 1917 a 1920, marcada em Belém do Pará, como de resto em todo o país, por uma série de greves, dentre as quais algumas bem significativas foram a greve dos operários da construtora Salvador Mesquita e a greve geral em prol da jornada de 8 horas, respectivamente em abril e maio de 1919.²⁷

Várias evidências apontam que muitos trabalhadores deste ramo tiveram de deixar a cidade devido as demissões e “listas negras” criadas pelo patronato, como é possível entrever na nota fúnebre reproduzida abaixo, publicada em um jornal operário local:

Tivemos notícia de Orence [sic] (Espanha) participando o falecimento do nosso velho companheiro de lutas Lourenço, que por motivos de perseguições na última greve, foi obrigado a embarcar. Aos camaradas marceneiros, cujo quadro pertencia o morto, enviamos os nossos pezames²⁸.

Além de Lourenço, sobre quem não foram encontradas mais informações, outros trabalhadores do ramo, como José Marques da Costa, Antônio Leite, David Ottoni e Silvestre Costa, dos quais foram encontradas mais referências, também deixaram a capital paraense nos meses que se seguiram à greve de maio.

²⁵ Ver, por exemplo: “O comício proletário de ontem, em que falou o deputado Azevedo Lima, dissolvido à bala!”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, n. 668, 15 fev. 1928, p. 1; “Falecimento de outra vítima do sangrento conflito na União dos Gráficos”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 2829, 21 fev. 1928, p. 12.

²⁶ “Pelo crime de ter idéas”. *A Esquerda*, Rio de Janeiro, n. 230, 29 mar. 1928, p. 3.

²⁷ Sobre esses movimentos, ver: Adriano Craveiro de Oliveira. *As Lutas Operárias em Belém da Primeira República: As Greves de 1917 a 1919*. Monografia de graduação em História, Universidade Federal do Pará, 2013; Marcos Lucas Abreu Braga. *Anos vermelhos: classe, gênero e nacionalidade no movimento operário de Belém do Pará, 1917-1920*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Amazonas, 2023.

²⁸ “Falecimentos”. *O Semeador*, Belém, n. 23, 25 out. 1919, p. 2.

José Marques da Costa (imagem 3) nasceu em Perafita, conselho de Matosinhos, possivelmente em 1898²⁹. Carpinteiro de ofício, migrou para o Brasil em 1917, se estabelecendo inicialmente em Manaus. Não se tem notícia de atuação política em seu país de origem, embora a hipótese de que tenha trazido na bagagem alguma experiência sindical não deva ser descartada. Na capital amazonense, Marques da Costa não tardou em contribuir para a fundação da organização corporativa de sua categoria profissional, sendo eleito e ocupando o cargo de 1º secretário da *Associação de Classe das Quatro Artes de Construção Civil no Amazonas*³⁰.



Imagem 3: José Marques da Costa

Fonte: <https://marquesdacosta.wordpress.com/about/> consultado em 10/06/2023

No mesmo ano, ele se utilizou de um jornal de grande circulação da cidade para rebater ataques xenofóbicos contra lusitanos publicados no periódico manauara *Gazeta da Tarde* por um dos seus redatores, Ageu Ramos³¹. Fosse pelos atritos causados por sua posição anti-xenofóbica fosse em busca de melhores condições de vida ou emprego, Marques da Costa se mudou para Belém.

Nesta cidade, onde se estabeleceu entre o final de 1918 e o início de 1919, o carpinteiro lusitano intensificou sua militância, integrando ao grupo de afinidade *Aurora Libertária* e se tornando ali o redator-principal do periódico porta-voz da organização, *A Revolta*, que circulou na segunda metade de 1919, sendo dedicado principalmente aos trabalhadores da construção civil. Além d'A

²⁹ Edgar Rodrigues. *A oposição Libertária em Portugal*. Lisboa: Sementeira, 1982.

³⁰ "Várias notas". *A Capital*, Manaus, n. 252, 29 mar. 1918, p. 2.

³¹ J. Marques Costa. "O Sr. Ageo Ramos, a sua gazeta e a colônia portuguesa". *A Capital*, Manaus, n. 319, 6 jun. 1918, p. 2; J. Marques Costa. "O caso da Gazeta". *A Capital*, Manaus, n. 324, 11 jun. 1918, p. 2-3.

Revolta, ele assinou artigos em outros jornais operários de Belém, como *O Semeador* e *A Voz do Trabalhador*. Também atuou nos meios sindicais como delegado da *Federação das Classes da Construção Civil* na *Federação das Classes Trabalhadoras do Pará* (FCT), proferindo um discurso nas manifestações do 1º de maio de 1919³².

A migração de Marques da Costa pode ter servido para intensificar os contatos entre os trabalhadores de ambas as capitais amazônicas pelas quais passou. Com efeito, talvez não por coincidência, em meados de 1919 um jornal operário belemense noticiou o recebimento de um telegrama da associação dos trabalhadores do ramo da construção civil de Manaus (que Marques da Costa havia sido um dos fundadores) informando que se encontravam em greve reivindicando a jornada de oito horas e que alguns mestres de obras se dirigiam à Belém para contratarem pessoal como forma de abortar o movimento. Rogavam também pelo apoio dos trabalhadores da capital do estado vizinho, no que foram atendidos: a FCT distribuiu um boletim chamando a atenção dos trabalhadores belemenses para esse fato³³.

No final de 1920, Marques da Costa migrou novamente, desta vez para a Capital Federal, lá sendo eleito secretário-geral da *Federação Operária do Rio de Janeiro* (FORJ) e colaborando com jornais operários tais como o *Voz do Povo*, *A Vanguarda*, *O Trabalhador*, *Spartacus* e na coluna operária do diário *A Pátria*. Acabou sendo expulso do Brasil em 1924 no bojo da repressão às revoltas tenentistas que pipocavam por todo o país³⁴. Pelas duas décadas seguintes, seu périplo continuou, entre fugas, expulsões e migrações voluntárias, entre Portugal, Espanha e França, com passagens por Guiné, Senegal e Marrocos, até se estabelecer definitivamente em Portugal em meados da década de 1930, militando no movimento operário local até a sua morte em 1964³⁵.

Trajetória semelhante parece ter tomado José Antônio Leite ou Antônio José Leite³⁶. De origem portuguesa como o anterior, era um trabalhador da construção civil; mas diferente daquele as informações sobre Leite são bem mais escassas. Teve uma atuação bastante ativa no movimento operário belemense no final da década de 1910: foi secretário geral da UGT, liderando as greves gerais do final de 1918³⁷; ocupou o cargo de tesoureiro da primeira

³² "1º de maio". *O Semeador*, Belém, n. 4, 21 maio 1919, p. 3.

³³ "De Manaus". *O Semeador*, Belém, n. 5, 14 jun. 1919, p. 1.

³⁴ Dulles o menciona várias vezes, embora o chame de "Adolpho Marques da Costa". Não se sabe ao certo porque da mudança de nome, mas uma comparação contextual e o cruzamento de fontes permite confirmar que se trata do mesmo indivíduo. John W. Foster Dulles. *Anarquistas e comunistas no Brasil*, op. cit., p. 162; 165-166; 172; 211.

³⁵ Edgar Rodrigues. *A oposição Libertária em Portugal*, op. cit., 1982.

³⁶ Algumas vezes seu nome foi grafado como "José Leite" e em outras como "Antônio Leite", o que impossibilita determinar a ordem dos sobrenomes, mas a comparação das fontes e o contexto permitem identificar que se trata do mesmo indivíduo.

³⁷ Adriano Craveiro de Oliveira. *As Lutas Operárias em Belém*, op. cit., p. 98, 109, 117.

comissão executiva da FCT³⁸; e fez parte do grupo de propaganda sindicalista *Os Semeadores*³⁹.

John Foster Dulles, consultando jornais (operários e diários comerciais), encontrou o rastro de Leite na Capital Federal na década de 1920. O migrante português teve um papel ativo em defesa das ideias libertárias enquanto representava os trabalhadores da construção civil em uma reunião que visava criar uma federação sindical, ocorrida em fevereiro de 1923; anos depois, foi um dos oradores do *meeting* do 1º de maio, organizado pela FORJ e pela União dos Operários em Construção Civil⁴⁰.

Talvez fosse o mesmo José Leite que, segundo relatos de um jornal simpático aos comunistas, estava junto a Antonino Domingues no episódio, já citado linhas acima, do conflito na UTG, em fevereiro de 1928⁴¹. Se a conjectura estiver correta – e infelizmente não foram encontradas outras evidências que confirmassem que se trata da mesma pessoa – é mais um indicativo de que os militantes procuravam reconstruir os laços de camaradagem com os companheiros que tinham conhecido a milhares de quilômetros de distância.

Já David Ottoni havia ocupado o cargo de secretário de expediente da *União dos Operários Marceneiros e Artes Correlativas* do Pará no primeiro semestre de 1919⁴². Também foi um ativo colaborador dos periódicos operários belemenses *Jornal do Povo* e do *O Semeador*⁴³. Após a greve geral de maio, partiu rumo a Pernambuco acompanhado do também marceneiro José Árias e depois para a Capital Federal, em busca de tratamento para a condição de saúde deste, que afinal acabou falecendo; Ottoni comunicou o passamento de seu amigo aos conterrâneos por meio de cartas, que por sua vez a publicaram em seus jornais.⁴⁴ A mudança de cidade não diminuiu sua disposição de militância: em Recife, foi um dos oradores na sessão de posse da comissão executiva do *Sindicato dos Marceneiros e Classes Correlatas*, em julho de 1919⁴⁵.

A fuga, expulsão ou migração voluntária dos trabalhadores militantes não cortava, necessariamente, seus laços com os companheiros das cidades em que haviam residido anteriormente e alguns mantinham troca de cartas com seus antigos companheiros (como visto no caso de Manjon), se constituindo em fios na construção de redes sociais de militância espalhadas por várias regiões. Isso

³⁸ "Estatutos da Federação das Classes Trabalhadoras". *O Semeador*, Belém, n. 10, 26 jul. 1919, p. 2.

³⁹ "Grupo os Semeadores". *O Semeador*, Belém, n. 6, 28 jun. 1919, p. 4.

⁴⁰ John W. Foster Dulles. *Anarquistas e comunistas no Brasil*, op. cit, p. 172; p. 312.

⁴¹ Julio Vidal. "A U.T.G precisa ser reaberta!". *A Manhã*, Rio de Janeiro, n. 687, 9 mar. 1928, p. 4.

⁴² "Vida syndical". *O Semeador*, Belém, n. 4, 21 maio 1919, p. 4.

⁴³ Alguns textos assinados por ele foram: "Companheiros". *Jornal do Povo*, Belém, n. 17, 24 ago. 1918, p. 1; "Contraste". *Jornal do Povo*, Belém, n. 20, 14 set. 1918, p. 3; "Promessas patronais" *Jornal do Povo*, Belém, n. 22, 21 set. 1918, p. 2; "Visão trágica". *O Semeador*, Belém, n. 2, 1º maio 1919, p. 2-3.

⁴⁴ "Jozé Árias". *A Revolta*, Belém, n. 6, 4 de outubro de 1919, p. 3; "José Arias". *O Semeador*, Belém, n. 19, 27 set. 1919, p. 4.

⁴⁵ "A Greve na 'Pernambuco Tramways'". *Diário de Pernambuco*, n. 199, 25 jul. 1919, p. 3.

pode ser percebido por meio da imprensa operária, cujos redatores deram publicidade a parte desta correspondência em suas páginas.

No final de 1920, o jornal operário paraense *A Voz do Trabalhador* publicou um texto assinado por Ottoni e endereçado do Rio de Janeiro⁴⁶, indicando que ele permaneceu naquela cidade após o falecimento de Árias. No Rio, Ottoni continuou envolvido no mundo associativo: a comissão executiva da *Aliança dos Trabalhadores em Marcenaria* o convocou para comparecer a sua sede para tratar de “assuntos de grande importância”⁴⁷. Semanas depois, os redatores da *Voz do Povo* anunciaram que tinham em sua redação uma carta [possivelmente de Belém] destinada a ele, solicitando que ele fosse buscá-la⁴⁸. Talvez não por acaso a *União dos Operários Marceneiros e Artes Correlativas do Pará* enviou um ofício a *Aliança dos Trabalhadores em Marcenaria do Rio*, lido em uma de suas assembleias⁴⁹. Ottoni bem pode ter sido o principal articulador do intercâmbio entre as duas entidades congêneres.

Outro militante paraense que rumou para Pernambuco após as greves de 1919 foi Silvestre Costa. Pintor de profissão, provavelmente de origem portuguesa⁵⁰, foi o representante do sindicato dos pintores na fundação da UGT⁵¹ além ter sido professor da Escola Operária 13 de Outubro em 1913 e colaborado com jornais operários de Belém nos anos seguintes⁵².

Muito provavelmente, foi o mesmo “Silvestre Costa” cuja prisão enquanto participava de uma assembleia na sede da *União Cosmopolita*, foi noticiada em meados de agosto pelo *Diário de Pernambuco*⁵³. A migração de Costa não cortou os laços com os militantes de Belém e ele se tornou correspondente do periódico *O Semeador* em Recife, enviando esporadicamente textos que foram publicados pelo jornal belemense acerca das atividades proletárias na capital pernambucana como a greve dos trabalhadores da *Pernambuco Raiwail*⁵⁴, novamente evidenciando como esses sujeitos estabeleciam ou fortaleciam laços entre grupos militantes de diversas localidades. Sobre Costa, até o momento, não foram encontradas mais informações.

⁴⁶ David Ottoni. “Os patrões...”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, n. 19, 12 set. 1920, p. 3.

⁴⁷ “Aliança dos Trabalhadores em Marcenaria”. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, n. 203, 30 ago. 1920, p. 3.

⁴⁸ “Nosso Correio”. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, n. 254, 20 out. 1920, p. 2.

⁴⁹ “Vida associativa dos trabalhadores”. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, n. 174, 1 ago. 1920, p. 3.

⁵⁰ Em 1917, ele deu uma contribuição de 1\$000 à Comissão Patriótica Portuguesa. “Notas Portuguezas”. *Estado do Pará*, Belém, n. 2252, 9 jul. 1917, p. 1.

⁵¹ “No Estado do Pará”. *Onze de Janeiro*, Belém, edição única, 11 jan. 1918, p. 1-2.

⁵² Silvestre Costa. “Reminiscências”. *Onze de Janeiro*, Belém, edição única, 11 jan. 1918, p. 2.

⁵³ “A situação da cidade”. *Diário de Pernambuco*, Recife, n. 220, 16 ago. 1919, p. 1.

⁵⁴ Silvestre Costa. “Cartas de Pernambuco”. *O Semeador*, Belém, n. 17, 13 set. 1919, p. 1; Silvestre Costa, “Carta de Pernambuco”. *O Semeador*, Belém, n. 23, 25 out. 1919, p. 2.

Jornais digitalizados como fontes para a análise das trajetórias e da mobilidade geográfica dos militantes operários:

Marx, em um de seus textos mais lidos, afirmou que “a humanidade não se propõe nunca senão os problemas que ela pode resolver, pois, aprofundando a análise, ver-se-á sempre que o próprio problema só se apresenta quando as condições materiais para resolvê-lo existem ou estão em vias de existir”⁵⁵.

Embora se referisse ao desenvolvimento histórico humano de forma ampla, é possível afirmar que algo parecido ocorre com os pesquisadores e estudiosos da ciência histórica, já que determinados problemas e perguntas emergem ou se popularizam apenas quando as condições, materiais e/ou metodológicas, para respondê-las já existem ou estão surgindo. A *História Quantitativa* nos dá um exemplo bastante significativo já que o desenvolvimento da computação facilitou em muitos aspectos o tratamento de dados massificados das fontes, o que permitiu avanços significativos na história econômica e demográfica⁵⁶.

Nesse sentido, a problemática da mobilidade geográfica dos militantes operários da *Primeira República* (e na verdade as considerações podem se aplicar a outros períodos históricos e a outros movimentos políticos) foi amplamente facilitada nas últimas décadas por fatores como o adensamento da bibliografia acerca do movimento operário do período⁵⁷ e por inovações tecnológicas tais como o processo de digitalização de periódicos e a sua disponibilização para a consulta online em hemerotecas digitais.

É certo que os jornais não são as únicas fontes possíveis de serem utilizadas para a análise desse processo e outras categorias documentais, tais como os autos criminais, processos judiciais e de expulsão do país, talvez mesmo uma ou outra carta porventura preservada nos arquivos, podem e algumas vezes efetivamente foram utilizadas para a reconstituição da trajetória destes militantes⁵⁸. No entanto, o levantamento deste objeto de pesquisa demanda a consulta de fontes e arquivos de locais distintos (pelo menos das cidades pelas quais estes sujeitos passaram).

Neste sentido, os periódicos possuem uma vantagem em relação as outras categorias documentais, já que existem atualmente várias iniciativas de

⁵⁵ Karl Marx. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 48.

⁵⁶ Ver: Luciano R. Figueiredo. “História e informática: o uso do computador”. In: Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas (org). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

⁵⁷ Antes estes militantes eram flagrados pelos pesquisadores em cada contexto regional específico dos seus recortes. O adensamento da bibliografia, bem como a facilitação do acesso dessa vasta produção via internet, possibilita a confecção das “colchas de retalhos” das trajetórias individuais desses militantes. Adolfo Alonso, por exemplo, teve partes de sua trajetória examinadas por Edilza Fontes, tratando do estado do Pará, e por Lená Medeiros de Menezes, tratando do Rio de Janeiro.

⁵⁸ Edilene Toledo, na obra citada, citou algumas cartas pessoais e relatórios policiais na sua análise sobre a trajetória dos militantes sindicalistas revolucionários Giulio Sorelli, Alceste de Ambris e Edmondo Rossoni. Edilene Toledo, *Travessias revolucionárias*, op. cit.

digitalização e de disponibilização dos jornais para a consulta online dos pesquisadores, militantes, diletantes e curiosos, como o *Arquivo Edgard Leuenroth* da UNICAMP⁵⁹, a hemeroteca digital do *Centro de Documentação e Memória*⁶⁰ (CEDEM) da UNESP, a hemeroteca digital do *Núcleo de Pesquisa Histórica*⁶¹ (NPH) da UFRGS, o acervo de jornais proletários digitalizados da *Marxist.org*⁶² e a própria *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*⁶³. Todas as fontes periódicas citadas nas linhas acima podem ser encontradas e consultadas nos sites mencionados e linkados.

Não que a problemática da mobilidade geográfica dos militantes não fosse possível de ser levantada e analisada há décadas atrás (quando nada disse existia, ou estava em estágio muito embrionário) – e a já mencionada tese de Edilene Toledo é um exemplo cabal disso – mas os processos tecnológicos democratizaram a possibilidade de encarar esta questão, permitindo que a discussão se adense com a participação de mais historiadores.

Se antes os pesquisadores deveriam viajar a vários lugares em busca das fontes, o que era dispendioso em termos econômicos, sobretudo em um país com déficit no investimento em pesquisa, em especial nas áreas das ciências humanas e sociais, como era o Brasil, onde os recursos e financiamentos eram escassos e disputados, o que fazia com que isso fosse algo do escopo, digamos, de um projeto de doutorado ou de pós-doutorado; hoje, com a disponibilização de cópias digitalizadas, um historiador pode ter acesso a algumas dessas mesmas fontes, bastando possuir um computador e internet de qualidades razoáveis, fazendo com que mesmo um estudante de graduação possa enfrentar estas questões em um projeto de iniciação científica ou em uma monografia de conclusão de curso, o que faz com que a bibliografia e a discussão se adensem e novos pesquisadores possam dar a sua colaboração à discussão.

A imprensa operária já foi amplamente utilizada em diversas pesquisas acerca da classe trabalhadora e de seus movimentos políticos e sociais, se mostrando profícua para mais essa problemática: a da mobilidade geográfica dos militantes, possibilitando conhecer seus nomes e rostos, trilhar os caminhos por onde estiveram e militaram; além de permitirem vislumbrar os contextos onde estiveram inseridos, à quais organizações pertenceram e que cargos ocuparam, por vezes até mesmo seus pensamentos e concepções, na medida em que escreveram para esses jornais.

Tal potencialidade já foi descrita por Sílvia Petersen, para quem: “A imprensa operária é, assim, um caminho possível para que se busque um outro patamar analítico, preocupado em amarrar fragmentos de processos mais globais que ficam encobertos nos estudos locais”; a autora já asseverou que o que torna os jornais operários tão promissores para essa problemática é o fato de que eles

⁵⁹ <https://ael.ifch.unicamp.br/ael-digital> Consultado em 11/06/2023

⁶⁰ <https://sistemas.unesp.br/cedem/publico/material.pesquisar.action> Consultado em 11/06/2023.

⁶¹ <https://www.ufrgs.br/nphdigital/hemeroteca/> Consultado em 11/06/2023.

⁶² <https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais.htm> Consultado em 11/06/2023.

⁶³ <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Consultado em 11/06/2023.

possuem capacidade de disseminar informação para além do seu local de publicação⁶⁴.

Reforçamos a posição de Petersen. Os usos e possibilidades dos jornais operários podem ser múltiplos; enquanto uma das principais expressões do movimento operário naquele período, seus jornais são um espaço privilegiado para a busca dos rastros e pistas desses sujeitos. Por um lado, ela pode indicar a existência de outras categorias de fontes acerca deles ou mesmo produzidas por eles (a notícia da prisão de um militante veiculado pelos jornais pode sugerir a existência de processos criminais, judiciais ou de expulsão nos arquivos dos estados; o anúncio da publicação de livros de militantes indica a existência de sua produção literária); jornais operários podem trazer informações das atividades de grupos militantes de outras regiões (parte das atividades dos militantes anarquistas em Belém só pode ser conhecida por meio do periódico paulistano *A Lanterna*, que deu uma publicidade que eles não tiveram no próprio estado onde atuaram); as correspondências publicadas ou anunciadas em suas páginas são indicativos das redes de solidariedade e de contato entre militantes de diversas cidades, estados ou mesmo países, preservando documentos que dificilmente sobreviveriam aos acasos e descasos do tempo e das instituições arquivísticas, se não fossem publicados nas páginas dos periódicos.

Óbvio que essa utilização das cópias digitalizadas de fontes gera novas tensões, contradições internas e interrogações metodológicas. As fontes digitalizadas não são e não devem ser encaradas como a panaceia para a pesquisa histórica e a sua consulta não substitui, nem deverá substituir, a visita física, presencial, ao arquivo, que sempre poderá trazer descobertas e permitir ao pesquisador encontrar coisas que ele nem sequer esperava, levando-o a novos caminhos não projetados. A perda do contato com a materialidade da fonte pode gerar também uma perda interpretativa, já que como assinalado por autores como, dentre outros, Roger Chartier, a forma física do texto, a forma na qual ele é veiculado, é um dos elementos na construção do seu significado.⁶⁵

No entanto, também não se deve jogar fora a criança junto com a água suja do banho, já que quase nenhuma documentação, sobretudo para períodos mais afastados no tempo, pode ser apropriada enquanto fonte histórica em “condições ideais”. Pense-se, por exemplo, em documentações cartoriais trabalhadas a partir do método quantitativo: pouquíssimos historiadores deixariam de utilizar uma série documental se estivessem faltando os documentos referentes há alguns meses, embora certamente essa ausência possa interferir no resultado da análise, mas muito provavelmente integraria esta série em sua análise assinalando as ausências em uma nota de rodapé ou mesmo separando um parágrafo ou dois para assinalar e discutir as ausências.

⁶⁴ Sílvia Regina Ferraz Petersen. “Relações interestaduais e internacionais no processo de formação do movimento operário brasileiro”, texto de comunicação apresentada no *I Seminário Internacional de História do Trabalho – V Jornada Nacional de História do Trabalho*, UFSC, Florianópolis, 25-28 de outubro de 2010.

⁶⁵ Roger Chartier. *À beira da falésia. A história entre incertezas e inquietude* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

Não convém exagerar as possíveis perdas interpretativas na consulta física, pois se alguns elementos não podem ser visualizados ou tateados⁶⁶, outros de elevada importância – como a disposição de cada artigo, notícia ou editorial ao longo dos cadernos, que podem indicar a relevância de cada assunto para a equipe editorial – podem ser visualizados e interpretados tanto no suporte físico quanto no digital. Seja como for, qualquer categoria de fonte documental, seja ela física ou em formato digital, pode e deve ser utilizada para a construção do conhecimento histórico, contanto que passe pela crítica atenta dos historiadores.

O olhar para as trajetórias individuais pode ser muito significativo para a compreensão do movimento operário. Além de revelar processos específicos, como, nos casos aqui abordados, a onda de repressão que se abateu sobre o movimento operário paraense após a greve geral de maio de 1919, elas podem deslindar processos mais gerais, tais como uma visão mais aprofundada sobre a rede que interligava núcleos militantes de diversos estados ao longo de vários anos e o fluxo de militantes do estado do Pará para o Rio de Janeiro na década de 1920 (o que é possível que também seja verificado no caso de outros estados); além da fuga das perseguições políticas e a busca de melhores condições econômicas (como o próprio emprego ou melhores salários), pode ter pesado para a escolha do destino o fato de que o Rio de Janeiro abrigava um forte movimento operário e anarquista.

Para a reconstituição, análise e reflexão acerca dessas trajetórias, os jornais (tanto os diários quanto, e principalmente, os operários) se revelam fontes de extrema relevância. A disponibilização de cópias digitalizadas deles ajuda a contornar uma dificuldade material bem significativa para o entabulamento destas questões, que é o da dispersão geográfica das fontes, permitindo que os historiadores tenham acesso a eles. Se as linhas acima tiverem demonstrado uma fração deste potencial e colaborado para refletir sobre algumas dimensões do seu uso, terão cumprido o seu objetivo.

Referências

BRAGA, Marcos Lucas Abreu. *Anos Vermelhos: classe, gênero e nacionalidade no Movimento Operário de Belém do Pará (1917-1920)*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal do Amazonas, 2023.

⁶⁶ A qualidade e o tamanho do papel utilizado para impressão, bem como a mudança deles ao longo do tempo, podem dizer algo a respeito das condições econômicas: a redução do formato do jornal pode indicar dificuldades financeiras, bem como seu aumento pode indicar boas vendagens ou algum ganho excepcional. Tudo isso se torna mais difícil de perceber se o pesquisador não tem os exemplares físicos em mãos e aos olhos. No entanto, dependendo das problemáticas levantadas, a atenção à esses aspectos parece ser central, como a história da imprensa em si, por exemplo; enquanto que para outras problemáticas, são relativamente supérfluos.

- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.
- FIGUEIREDO, Luciano R. "História e informática: o uso do computador", in: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FONTES, Edilza Joana Oliveira. "*Preferem-se portugueses (as)*": trabalho, cultura e movimento social em Belém do Para (1885-1914). Tese de doutorado em História Social, Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- JUNIOR, Demetrio Quiros Bello. "Sapateiros militantes em São Paulo na década de 1920: lutas, debates, caminhos". *Escrita da História*, 8 (2017), pp. 60-87.
- KARSBURG, Alexandre. "A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias". In: VENDRAME, Maíra Inês et al (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015.
- LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MENEZES, Lená Medeiros de. "Os processos de expulsão como fontes para a História da Imigração Portuguesa no Rio de Janeiro (1907-1930)", in: MARTINS, Ismênia de Lima; SOUSA, Fernando. *Portugueses no Brasil: Migrantes em dois atos*. Niterói: Muiraquitã, 2006.
- TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. "Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira". *Anos 90*, 3 (maio 1995), pp. 129-153.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. "Relações interestaduais e internacionais no processo de formação do movimento operário brasileiro", texto de comunicação apresentada no I Seminário Internacional de História do Trabalho – *V Jornada Nacional de História do Trabalho*, UFSC, Florianópolis, 25-28 de outubro de 2010.
- RODRIGUES, Edgar. *A oposição Libertária em Portugal. 1939-1974*. Lisboa: Sementeira, 1982.
- OLIVEIRA, Adriano Craveiro de. *As Lutas Operárias em Belém da Primeira República: As Greves de 1917 a 1919*. Monografia de graduação em História, Universidade Federal do Pará, 2013.

Recebido em: 08/10/2023.

Aceito em: 13/11/2023.